



Editorial

Marcos de Jesus Oliveira

UNILA





Deslocamentos epistêmicos

Lançado como volume do primeiro semestre de 2021, mas publicado efetivamente em janeiro de 2022, intitulou-se o presente número como “Deslocamentos epistêmicos” porque o leitor terá acesso a um conjunto de textos que prima pela esforço em fissurar os saberes hegemônicos e hegemonzados na área das ciências sociais e das humanidades a partir de uma perspectiva do Sul ou dos Suis. A opção por deslocamento em lugar de ruptura decorre do fato que enquanto a ruptura supõe grandes transformações com localização temporal determinada, a ideia de deslocamento sugere algo mais modesto com pequenas aberturas, fendas. A ideia não pretende, obviamente, diminuir a importância dos trabalhos aqui publicados; pelo contrário, trata-se de enaltecer que são as pequenas mudanças que, entrelaçadas, permitem transformações maiores, pois, como escreve João Cabral de Melo Neto (2008, p. 219), no poema “Tecendo uma manhã”:

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

A reunião de textos num mesmo número vai revelando e criando o entrelaçamento das ideias de pesquisadores e pesquisadoras de diferentes cantos da América Latina e do Caribe. A referência à entrelaçamento não deve supor que haja uma harmonia perfeita entre os textos e suas visões de mundo; aqui a desarmonia, o desafino ou o ruído que o leitor poderá encontrar entre os diferentes trabalhos não são categorias valorativas de cunho pejorativo, mas antes o reconhecimento da conflitividade política inerente a qualquer projeto epistêmico. Ainda que a história da ciência prefira contá-la a partir de supostas figuras intelectuais de grande impacto graças à permanência da concepção de gênio do romantismo alemão, toda ideia, por mais revolucionária que possa parecer, está enraizada num horizonte histórico de início incerto e impreciso, pois nunca é feita por um único indivíduo, ou um único galo nos termos do poeta. São os deslocamentos teóricos aqui e ali que, acumulando-se no horizonte histórico-social, político e epistêmico, vão tecendo as chamadas epistemologias desde/para o Sul como um campo que se quer heterogêneo, plural e diverso.

Assim, o ensaio “**O currículo moderno/colonial e a produção de silenciamentos em comunidades de tradição oral**” de Evanilson Tavares de França e Jacqueline Rodrigues Mendes, em sintonia com o debate contemporâneo sobre o currículo que tende a vê-lo como entremeados por relações de poder, se destaca por trazer a discussão do poder a partir do ponto de vista da colonialidade (QUIJANO, 2014). Com isso, o autor e a autora descortinam os mecanismos pelos quais o silenciamento das práticas culturais tradicionais nas escolas localizadas em comunidades quilombolas se realiza. O currículo não é apenas um texto em que se enumeram conteúdos, objetivos e formas de avaliação; trata-se de uma prática cultural e política e, enquanto tal, precisa se abrir aos deslocamentos operados quando a tradição oral deixa de ser vista como uma mera forma inferior de manifestação cultural em relação à sua forma supostamente superior – a escrita – e passa a ser trabalhada a partir de seus aportes à renovação epistemológica no âmbito de uma justiça epistêmica e cognitiva (SANTOS, 2019).



“A questão ambiental e os alinhamentos epistemológico-políticos: uma reflexão a partir da disputa pela baía de Guanabara” de Yana dos Santos Moysés trata dos diferentes alinhamentos epistemológico-políticos que incidem sobre a questão ambiental. Parece haver um dispositivo de tecnificação cuja racionalidade funciona como uma das estratégias mobilizadas por agentes estatais para criar a ilusão de um discurso científico desprovido de interesse e de relações de poder com o qual o território é capturado e saberes, apagados. Além de descrever os meandros dos discursos e das percepções hegemônicas, a autora dá destacada atenção às sensibilidades subalternas de onde decorrem os deslocamentos em relação às formas de saberes hegemônicas cujo agenciamento incide como uma crítica ao processo de tecnificação. A disputa da Baía da Guanabara, em 2012, entre os pescadores artesanais e os agentes do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro ilustra a arena em que diferentes possibilidades de pensar, sentir e viver a relação natureza/cultura se encenam.

“Estudos decoloniais: grafismo, grafite e muralismo em campo raiz na cidade de Manaus – Amazonas” de Jimmy Iran dos Santos Melo e Delphine Fabbri Lawson é uma excelente discussão sobre a arte urbana desde uma perspectiva descolonizadora. A partir da análise dos trabalhos do artista Raiz Campos, o autor e a autora problematizam a gramática social pela qual se sói pensar as relações entre arte e política. Segundo o pesquisador e a pesquisadora, a arte de Raiz Campos denuncia o desflorecimento e a devastação dos povos indígenas do Brasil, desconstruindo visões discriminatórias e preconceituosas em relação aos valores ditos tradicionais. Aí a estética – ou, nos termos de Walter Mignolo (2010), *aisthesis* – revela como a arte pode e tem um papel muito importante na conformação ou nos deslocamentos das formas de sentir e de perceber a realidade.

“Entre tejidos y canciones: reflexiones sobre prácticas decoloniales de las mujeres andinas” de Ana Carla Barros Sobreira apresenta um conjunto muito rico de reflexões sobre os tecidos e os cantos produzidos por mulheres na cordilheira dos Andes, ou, mais precisamente, no altiplano boliviano. As técnicas utilizadas por estas mulheres revelam tanto o aspecto material de suas práticas como também a dimensão simbólica de uma cosmovisão que resiste a diferentes formas de opressão e de dominação. A etnografia minuciosamente conduzida pela autora explora aspectos antropológicos, linguísticos e artísticos das práticas daquelas mulheres, evidenciando como as memórias e as identidades se insurgem contra a colonialidade do poder ainda hoje vigente. O exercício de dialogar com vozes subalternas se soma às inúmeras tentativas de deslocamentos epistêmicos em relação às formas hegemônicas de saber.

Em **“Reconstruções metodológicas e/ou metodologias a posteriori”**, María Eugenia Borsani apresenta um conjunto de ideias cujo objetivo é refletir sobre as possibilidades de descolonização das metodologias canônicas num questionamento da práxis investigativa. Este é um debate fundamental, pois é escassa a bibliografia que ousa enfrentar uma questão tão difícil como esta. Por óbvio que seja, é bom dizer, a autora não se propõe a estabelecer uma espécie de “protocolo metodológico decolonial” numa atitude de fechamento metafísico muito comum à tradição filosófica ocidental; trata-se antes de um exercício de insubordinação metodológica contra o que ela chama de cinismo metodológico. Nos meus próprios termos, o cinismo metodológico teria a ver com a dimensão mágica da ciência, seu poder de criar realidades a partir de práticas institucionais de nomeação: citam-se autores reconhecidos para magicamente imprimir caráter científico a certas proposições metodológicas, isentando o pesquisador de lidar com as dificuldades inerentes ao método.

“Nas redes sociais a imagem do lazer de espetáculo atualiza o imaginário cultural ao tempo que enaltece a utopia do belo” de Sandra Helena Vieira Maia, Maurício Ribeiro da Silva



e Juliana Ayres Pina traz elementos para uma discussão crítica sobre produção de imaginários referentes a lugares turísticos. O ensaio atualiza os debates sobre a sociedade do lazer e da imagem com destacado papel sobre a colonização do olhar. A psicanálise mostrou as diferenças entre ver e olhar, colocando este último no circuito do desejo e, portanto, no contexto das trocas simbólicas. Desde a modernidade, o olhar vem sendo permeado de sentidos pelos quais sua violência simbólica é ocultada, pois codifica socialmente o que considerar e como considerar assim como o que ignorar e como ignorar.

Em **“Reading the signs of my body’: Shakira, lugar e raça”**, Leo Name analisa a mui polissêmica construção geográfica e etnorracial presente na torrente de imagens relacionada a essa artista colombiana de projeção global. Para isso, realiza movimentações epistêmicas: por um lado, trata “raça” como performatividade, linguagem e imagem e pensa “imagem” no bojo da discussão etnorracial; e, por outro, traz escritos anticoloniais, pós-coloniais e decoloniais para um debate sobre as literaturas acadêmicas a respeito da narração dos lugares e sobre a reprodutibilidade técnica de imagens contemporâneas em circulação global. Fazendo uso de montagens que cotejam imagens do repertório de Shakira (videoclipes e capas de álbuns, por exemplo) com outras de outros contextos geo-históricos, o autor faz perceber, nos processos de invenção da “raça” e de seus lugares, a importância da conversão de corpos e paisagens à bidimensionalidade reproduzível por imagens midiáticas. Name conclui, ainda, que Shakira constrói, por suas imagens, um tipo de capital simbólico, móvel, que vai muito além da “latinidade”, baseado na multiterritorialidade e na multiethnicidade prontas para o consumo.

“A educação dos militares na Venezuela” de Ana Penido, Elio Colmenarez e Lucas Scalfarri é um estudo minuciosamente conduzido pela autora e pelos autores a respeito do processo de profissionalização das forças armadas na Venezuela desde o período das guerras pela independência até os dias atuais. Trata-se de um trabalho de importância para toda a América Latina e Caribe, pois apresenta insumos para refletir sobre os desafios da construção da democracia no continente. Segundo a pesquisadora e os pesquisadores, as forças armadas na Venezuela se constituíram como força política importante em vários momentos decisivos da história do país. Fazendo uso de diferentes recursos metodológicos, o texto apresenta elementos históricos, normativos, doutrinários e entrevistas a militares, produzindo considerações polifônicas sobre o tema em questão.

A resenha intitulada **“El Desarrollo a Escala Humana: un grito premonitorio y una salida contrahegemónica desde y para la América Latina”** de Axel Bastián Poque González fecha o presente número. Não poderíamos fechá-lo de melhor maneira, pois o texto ilustra a ideia com a qual abrimos o presente editorial: o caráter necessariamente coletivo da produção de deslocamentos epistêmicos. A resenha dedicada ao livro **“Desarrollo a escala humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones”**, assinado pelo economista e ecologista Manfred Max-Neef, o sociólogo Antonio Elizalde e o filósofo Martin Hopenhayn com a contribuição de inúmeros profissionais do Chile, Uruguai, Bolívia, Colômbia, México, Brasil, Canadá e Suécia é um convite ao exercício do pensamento a partir de múltiplas e diferentes disciplinas. Na resenha, são destacados elementos para pensar a economia e sociedade de forma diferente daqueles às quais estamos habitualmente conformados.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura, pois, no exercício da leitura e da contra-leitura, vão se tecendo os fios das novas manhãs epistêmicas.



Referências

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e outros poemas**. São Paulo: Alfaguara, 2008.

MIGNOLO, Walter. **Aiethesis decolonial**. Calle 14, v. 4, n. 4, 2010.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina". In: **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires, CLACSO, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

